



Plural - Revista de Ciências Sociais

ISSN: 2176-8099

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo

Rios, Flavia; Gato, Matheus; Sotero, Edilza
Classe, cor, raça e racialização na agenda das ciências
sociais. Entrevista com Antonio Sérgio Alfredo Guimarães
Plural - Revista de Ciências Sociais, vol. 23, núm. 1, 2016, Janeiro-Junho, pp. 75-95
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2016.118387>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=649770007004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Classe, cor, raça e racialização na agenda das ciências sociais

Entrevista com Antonio Sérgio Alfredo Guimarães

Realizada por Flavia Rios^a, Matheus Gato^b e Edilza Sotero^c

Antonio Sérgio Guimarães é uma das principais referências nos estudos das relações raciais no Brasil. Muitos dos que o conhecem desse campo ignoram que sua carreira acadêmica iniciou-se na Sociologia do Trabalho, com ênfase no estudo da formação das classes no estado da Bahia. Há mais de duas décadas, Guimarães “migrou” para o campo da Sociologia das Relações Raciais, mas não abandonou suas reflexões sobre a análise de classes. Na verdade, classes e raças parecem ser os dois conceitos que marcam a produção intelectual do autor – sendo cada vez mais a intersecção entre ambos o foco de sua atenção. Nesta entrevista, ele discute as razões que o levaram aos estudos sobre raça no Brasil, bem como as demandas e os desenvolvimentos conceituais que aconteceram nesse campo.

Embora a entrevista se concentre em certos aspectos de sua trajetória intelectual e nas questões teóricas sobre as quais tem se dedicado na atualidade, destaca-se dessa interlocução as redes de relações nacionais e internacionais que marcam a carreira acadêmica de Antonio Sérgio. Aqui e acolá, nota-se não apenas relações de solidariedade acadêmica, mas também forte concorrência de ideias, envolvendo disputas dos centros de pesquisa, por recursos e prestígio. Ainda é cedo para traçar um perfil intelectual de Antonio Sérgio Guimarães; todavia, um estudo mais acurado sobre a questão racial no Brasil não deixará de notar seus esforços para reabilitar a categoria raça enquanto conceito sociológico – empreitada complicada fosse porque a categoria não era (e ainda não é) consensual entre os cientistas sociais, fosse porque a ideia de democracia racial se constituiu como valor cultural entre os brasileiros. Tal posição lhe rendeu críticas e polêmicas acadêmicas dignas de uma análise sociológica que leve em consideração – não apenas a história social das ideias ou a análise das trajetórias intelectuais –, mas, sobretudo, os processos políticos de forte intensidade que alteraram a representação do Brasil no limiar do século XXI.

A maior parte das reflexões aqui presentes refletem as preocupações atuais de Guimarães, quais sejam: teorizar sobre um conjunto de conceitos relativos

a Professora de Sociologia da Universidade Federal de Goiás.

b Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo.

c Visiting Scholar of Africana Studies na Brown University e Bolsista de pós-doutorado do CNPq.

ao campo das relações raciais, a exemplo do conceito de raça, cor, racialização e formação racial. Também é bom que se registre que a entrevista resultou de dois depoimentos presenciais realizados por Antonio Sérgio Guimarães nos dias 31 de julho e 7 de agosto de 2015, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. No primeiro encontro, estiveram presentes Edilza Sotero, Flavia Rios, Flavio Francisco, Matheus Gato e Marcio Macedo. No segundo, além dos quatro primeiros pesquisadores citados, também Benno Alves. O diálogo publicado logo abaixo é uma edição revista dos referidos depoimentos, com acréscimos de questões e esclarecimentos encaminhados por e-mail a Antonio Sérgio, em fevereiro de 2016.

Vale dizer, ainda, que, com uma carreira sólida, Antonio Sérgio Guimarães tornou-se nome obrigatório nas bibliografias das disciplinas de relações raciais Brasil afora, além de referência básica para pesquisadores de diversos campos disciplinares que lidam com a questão racial. Professor Titular da Universidade de São Paulo, Guimarães lecionou em renomadas universidades e centros de pesquisa no exterior, entre as quais destacamos: SciencesPo Bordeaux, University of Illinois, Urbana-Champaign, Freie Universität Berlin, Princeton University, University of Oxford, University of California (Los Angeles), École des Hautes Études en Sciences Sociales, Institut de Recherche pour le Développement. Atualmente, é o professor nomeado para a Cátedra Simón Bolívar de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Cambridge, Inglaterra, no biênio 2016/2017. Dos seus livros publicados, destacamos o seminal *Racismo e antirracismo* (1999), que deu baliza teórica para a Sociologia das Relações Raciais, além de perfazer a tradição desse campo de estudos no Brasil, mostrando suas aquisições e equívocos e revelando as nuances expressivas regionais que marcam as escolas interpretativas, como a de São Paulo e da Bahia. *Classes, Raças e Democracia* (2002) e *Preconceito e Discriminação* (1998), dentre outras obras, marcam a preocupação do autor em traçar a trajetória social dos conceitos, as diferentes abordagens metodológicas e os avanços do campo acadêmico, apontando também para a necessidade de pesquisas históricas e sociológicas, que a um só tempo entendam as estruturas e os mecanismos geradores das discriminações e desigualdades raciais, como também mostrem a agência dos grupos e indivíduos na história social da nação.

Revista Plural Quando e como você passou a pesquisar relações raciais?

Antonio Sérgio Guimarães Comecei com um projeto financiado pela Ford. Rebecca Reichmann era a *officer* da Ford para direitos humanos e foi negociar com a gente uma doação para o Centro de Estudos e Pesquisas e Humanidades da Uni-

versidade Federal da Bahia (CRH-UFBA). A Ford estava, então, interessada em que se implantasse na Bahia uma linha de estudos sociológicos sobre o negro brasileiro. Os estudos na Bahia, depois do projeto UNESCO, tinham se concentrado na cultura e na religiosidade afro-brasileira. A Ford queria investir numa retomada dos estudos sociológicos: mercado de trabalho, mobilidade social, desigualdades, etc. A minha posição nessa negociação foi forçar um estudo sobre as classes sociais na Bahia, que era uma lacuna. Não seria somente um estudo sobre estrutura de classe e mudanças, eu queria algo na linha do que o Michel Agier já estava fazendo na Liberdade, algo mais bourdieusiano. Mas Rebeca foi irreduzível: a doação seria para estudos raciais. Morreu aí, certo? Eu disse: “é, Michel, não tem jeito”. Foi aí que me surgiu a ideia de um estudo comparativo em duas empresas petroquímicas sobre mobilidade interna, procurando detectar e explicar discriminações de gênero e raça, controlando por forma de gestão do trabalho. Montei um desenho metodológico assim: comparar a mobilidade nas carreiras semi-profissionais de uma empresa pública petroquímica à uma empresa particular petroquímica, para as quais tinha acesso aos dados administrativos de recursos humanos, inclusive toda a progressão funcional (quando a pessoa entrou, em que carreira, que ocupação, quando mudou de nível, quando foi promovido...), só que não havia no banco de dados a informação sobre a cor. Isso não tinha. Sentamos, pensamos, aí eu decidi fazer o seguinte: pedir acesso às fichas cadastrais, não apenas à planilha de dados, e classificar as pessoas pelas fotos. “Como é que eu vou classificar pelas fotos?” Eu disse: “Bom, eu vou usar as categorias nativas, as categorias da gente daqui da Bahia”; a gente sabe quem é branco aqui, a gente sabe quem é negro aqui e a gente sabe quem é moreno e quem é mulato. Então são essas quatro categorias aquelas do senso comum e do jogo diário das classificações. Era preciso apenas sistematizar o modo de classificar entre nós que iríamos fazê-lo – eu e Genice, uma estudante de Ciências Sociais, com bolsa de Iniciação Científica.

Revista Plural *Quais foram os impasses teóricos e institucionais para entrar no campo das relações raciais, já que você vinha de uma tradição marxista?*

Antonio Sérgio Guimarães Veja só, desigualdade racial era uma coisa já estabelecida no Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) do Rio de Janeiro, com Carlos Hasenbalg e Nelson Valle e Silva. Era justamente o modelo que a Ford queria replicar. Só que a nossa tradição no CRH não era essa. Primeiro, quem trabalhava com raça, o Michel Agier, trabalhava em termos etnográficos. A professora Nadya Araújo Guimarães, entretanto, já trabalhava com mercado de trabalho e para

ela foi fácil lidar com a categoria “desigualdades raciais”. Para mim, na minha formação, não existia raça, existia cor. Isso foi para mim um desafio. Isso foi para mim um desafio. Minha formação tinha sido dada por Vivaldo da Costa Lima, por Thales de Azevedo. Depois eu fui entender que era uma formação tributária dos estudos dos anos 50 e 60 na Bahia. Aliás, começou antes, com o Donald Pierson. Mas eu comecei a me sentir muito desconfortável, muito pouco à vontade. O Michel Agier dominava uma literatura etnográfica, ele tinha formação antropológica e ele dominava totalmente a tradição de estudos africanos. Mas tudo que eu conhecia era a bibliografia que eu tinha estudado não sei quanto tempo atrás na graduação. Se vocês lerem o meu primeiro texto, de 1993, eu acho que vocês vão achar muita coisa do Oracy Nogueira, de Thales de Azevedo, alguma coisa de Marvin Harris; é o que estava na minha cabeça da formação da graduação. Se lembrem que eu já tinha voltado do doutorado nos Estados Unidos, onde eu trabalhei basicamente com formação de classe. Era análise de classe, mas o conceito realmente que me mobilizou era formação de classe, era um conceito que vinha de Przeworski. E a ideia de formação de classe era muito importante porque era classe enquanto processo e não como categoria, era processo histórico. Mas, era análise de classe porque eu pensava como um marxista. Quando eu cheguei em Wisconsin e durante minha pós-graduação os dois conceitos que realmente me fizeram a cabeça foram formação de classe, que, de certo modo, desfazia a tradição ortodoxa da teoria das classes e colocava classes como uma construção histórica. Quer dizer, classe não seria realmente só um conceito analítico dentro de uma teoria forte sobre uma realidade não transparente à observação, mas seria, digamos, uma categoria construída pelos atores. Era muito Thompson, Gramsci, Hobsbawm: a escola inglesa. E o outro conceito veio de Burawoy, que era a ideia de um regime fabril, ou seja, de um consenso construído no chão de fábrica e não apenas no nível da política. A ideia era: o operário é feito para pensar consensualmente já no próprio trabalho, a prática operária já leva, de certo modo, à construção de um consenso. Não se trata de cooptação no mundo da política. Então, eram esses os dois conceitos que me mobilizavam.

Revista Plural *Mas nesse processo de transição de linha de pesquisa você fez um pós-doutorado no tema das relações raciais...*

Antonio Sérgio Guimarães Foi aí que eu tomei a decisão de ir fazer um pós-doutorado no *Africana Studies*, na Brown. Anani Dzidzienyo me surgiu, se eu não me engano, através de Maria Célia Paoli, que era muito amiga dele e que era muito próxima do nosso grupo lá no CRH, que fazia sociologia do trabalho. Eu comecei

a estudar muito lá na Brown, eu só lia sobre relações raciais. Não só artigos, mas usei muito a biblioteca, quer dizer, aprofundei os estudos que foram feitos na Bahia nos 50, 60, no projeto UNESCO, mas também conheci coisas novas, como, por exemplo, Omi e Winant. A ideia deles era quase uma continuação das ideias de Przeworski. Como se fosse um pensamento por analogia, porque Omi e Winant aplicam tudo o que foi desenvolvido pela historiografia inglesa, depois apropriada pela sociologia junto com uma leitura paralela de Gramsci, uma valorização muito grande do processo histórico... Eles aplicam essas ideias pra entender a formação de identidades raciais. Então, isso pra mim foi uma passagem muito legal. Desse tempo, por exemplo, vem meu texto “Brasil e Estados Unidos: um diálogo que forja nossa identidade racial” e depois, em “Races and group of colors in Brazil”, eu já estou imerso na discussão sobre raça e cor, raça e grupos de cor, e começo a desenvolver alguma coisa que é bem contextual mesmo, política. Aí o contexto político é decisivo para explicar a forma como o pensamento se formou.

Revista Plural *Em “Raça, racismo e grupos de cor no Brasil” (1995)¹, o conceito cor é central em seu pensamento, ainda que pouco desenvolvido, como se estivesse sendo utilizado apenas como uma designação nativa. Nesse texto, parece que a categoria cor foi pensada mais para se referir a um pensamento sociológico que negou o conceito de raça e de racismo, a exemplo de Thales de Azevedo e outros autores brasileiros que não tratavam ou evitaram tratar do preconceito racial, mas de cor. Você pode falar um pouco de como desenvolveu o conceito de cor ao longo dos anos e qual a funcionalidade da cor para se pensar raça?*

Antonio Sérgio Guimarães Bom, eu acho que vocês têm toda a razão. Na verdade, não existia pensamento sobre isso nessa época. Vocês pontuaram bem, na verdade eu parto de Thales e da ideia de que nós temos grupos de cor. Esses grupos de cor existem porque existem categorias nativas de cor e essas categorias nativas de cor estão refletindo uma estratificação social, então, o primeiro momento é basicamente trazer a reflexão de Thales para os anos 1990, 2000. Mais nada do que isso. O que existe, de novo, você já pontuou, é a argumentação que venho desenvolvendo durante muito tempo, de que essas categorias de cor nativas, e os grupos de cor, estão escondendo uma classificação racial. Mas está claro para mim, nesse momento, que raça não existe como uma categoria nativa: a categoria nativa é cor. E cor não está nem refletida, nem pensada, nem é objeto de re-

1 GUIMARÃES, A. S. A. ‘Raça’, Racismo e Grupos de Cor No Brasil. Revista Estudos Afro-Asiáticos, n. 27, p. 45-63, 1995.

flexão, nem mesmo de indagação, aparece como algo natural, totalmente nativo. Isso é interessante porque, quando eu escrevi aquele texto “Como trabalhar com raça na sociologia”, eu me deparei com o conceito de cor, precisava enfrentá-lo, porque na verdade é um conceito nativo, e eu não sei o que dizer sobre ele. Não sei se vocês repararam nisso...

Revista Plural *Você passou a refletir mais sobre o assunto depois de escrever “Como trabalhar com raça em sociologia”?*

Antonio Sérgio Guimarães Se vocês lerem o texto, vão ver que eu vou até ali e não tenho o que dizer. Aí faço um... escorrego de algum modo e tal, mas não tenho o que dizer sobre isso. Quando eu escrevo aquele livrinho *Preconceito Racial*, que é uma encomenda que um editor da Cortez me fez, aí eu me deparo com a categoria cor e não posso mais fugir do mesmo modo, está certo? Aí eu faço uma pequena reflexão, uma pequena pesquisa, descubro coisas que me dão muitas pistas. Por exemplo, descubro que Roger Bastide tinha realmente refletido sobre isso e tinha passado despercebido por mim, pensando no simbolismo da cor. Nesse texto, Bastide deixa claro que a classificação por cor tem um sentido hierárquico, tem um sentido pejorativo... pejorativo e enaltecedor. Pejorativo para os negros, enaltecedor para os brancos, e que isso vem da cristandade, que isso é uma classificação que vem da antiguidade cristã, judaico-cristã, que está cheia de simbologia religiosa, ainda que não racial. Aliás, para ser rigoroso, um pouco antes eu tinha me deparado com alguma coisa parecida, que foi o texto de Mário de Andrade, “A superstição da cor”, que me caiu por acaso nas mãos quando eu estava em Oxford, em 2003, eu acho. Ele foi traduzido para o inglês, e falava sobre aquela coisa da superstição, mas eu não levava a sério. Então é no *Preconceito Racial* que eu começo a levar a sério e a pensar sobre o que é realmente cor. E a reflexão melhor que eu tenho sobre isso, quer dizer, mais bem acabada, é muito pequena ainda, foi quando a *Ethnic and Racial Studies*, me pediu. Vocês conhecem esse texto? Uma versão em português foi publicada no *Cadernos de Campo* (2011).

Revista Plural *Mas ele é menor?*

Antonio Sérgio Guimarães É a mesma coisa. Na verdade, foi uma provocação de Banton. Michael Banton escreve um artigo forte para a *Ethnic and Racial Studies* contra o uso de raça pela sociologia. Ele diz que raça é um sistema completamen-

2 GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com “raça” em sociologia. *Educação e Pesquisa* (USP), São Paulo, v. 29, n. 01, p. 93-108, 2003.

te americano, do mundo americano, não tem porque na Europa se manter isso ou no resto do mundo se manter isso, inclusive não entende porque isso está vindo no Brasil. E aí faz a mesma tolice que Loïc Wacquant e Bourdieu fizeram antes, afirmando que o que existe de fato são cores. O que é real é cor, e aí aciona a ciência biológica atual, a genética atual, para afirmar a existência real da cor e como a cor é depois transformada nesse encontro imperialista dos europeus com os africanos em raça, e como isso faz parte de um mundo americano. Que não deveria fazer, mas faz, e infelizmente, está contaminando o resto do mundo. Martin Bulmer e John Solomos, editores do *Ethnic and Racial Studies*, pedem a mim, a Edward Telles, a Peter Wade e a outros para reagirem, porque sabem que são pessoas que ou são citadas ou trabalham com a categoria raça.

Revista Plural *Além dos Estados Unidos...*

Antonio Sérgio Guimarães Isso. E aí nós três respondemos. Eu escrevo isso e logo depois os meninos daqui da Antropologia me pedem um artigo sobre raça, etnia e gênero, e eu aproveito aquela reflexão. Então o mais adiantado a que eu cheguei é apenas um esboço. Mas está claro que nesse artigo, que cor, para mim, é um sistema de classificação racial igual aos outros. Exatamente igual aos outros e tão superficial quanto os outros. Esse é o teor de minha resposta. A cor tinha na Bahia dos anos 50, provavelmente no Brasil inteiro, um uso político: era uma tentativa de reduzir toda a racialização sofrida pelos negros em uma diferença de pele, de cor de pele. Guerreiro Ramos, por exemplo, usava uma expressão muito comum na época: “cor é apenas aparência”. Nesse último texto para a *Ethnic and Racial Studies*³, eu faço uma hipótese de que este é um sistema de classificação europeu, antirracista, mas racial.

Revista Plural *Cor de pele?*

Antonio Sérgio Guimarães Cor de pele. É igualmente racista, ao contrário do que os europeus pensam. Eles acham que é um conceito não só verdadeiro, porque é real, mas que também não é racista, porque não cria uma linha de cor, mas um contínuo. Meu argumento é de que a classificação por cor na verdade dá margem à bipolaridade. Ou seja, você sempre pode definir aqueles que tem cor daqueles que não tem cor: as pessoas de cor. Então ele leva a um sistema bipolar e nesse texto eu digo: “Bom, esse é um sistema de classificação europeu que, de

3 GUIMARÃES, A. S. A. The Brazilian system of racial classification. *Ethnic and Racial Studies* (Print), v. 35, p. 1157-1162, 2012.

certo modo, está começando a se impor, tanto nos EUA, como inclusive no Brasil como o politicamente correto”. E aí eu pego dados do IBGE, porque José Luís Petruccelli fez uma pesquisa piloto no IBGE, que perguntou às pessoas que se classificam por cor, raça, que dimensões elas consideram mais importantes para se autoclassificarem. O interessante é que quase 80% falam em cor de pele. Depois aparecem, com menos importância, as coisas que o Thales Azevedo e Marvin Harris encontraram: a posição econômica, a educação, etc. E também aparecem umas coisas que não existiam naquela época, que são cultura, descendência, coisas assim. Então eu faço também uma hipótese de que o sistema racial brasileiro está mudando no sentido de dar mais importância à pele, à cor, enquanto cor de pele...

Revista Plural *Isso já no artigo publicado na Cadernos de Campo?*

Antonio Sérgio Guimarães Nesse artigo de 2011⁴. A minha hipótese é de que essa ideologia de embranquecimento está desaparecendo. A ideologia do embranquecimento, de certo modo, se sustenta numa classificação por cor, e um sentido de cor muito preciso, porque se não houvesse uma classificação por cor, se houvesse uma classificação racial, à americana, não existiria espaço para o embranquecimento. O embranquecimento existe porque existe a ideia de que se tem cores que envolvem toda uma gama de outras características físicas, e as cores formam um contínuo, as cores mudam, e daí a ideia de embranquecimento. Então a minha hipótese explicativa é de porque a ideologia do embranquecimento está diminuindo de importância no Brasil, a classificação por cor da pele está ganhando mais força. Pode parecer contraditório, mas é simplesmente a diferença entre cor e cor da pele que cria a confusão. Uma não é redutível a outra. Ademais, a categoria cor foi substituída entre nós pela de cor/raça, que é uma terceira coisa. É mais ou menos isso. Teria que retomar esse artigo. Mas, é bom que você toque nisso porque “Como trabalhar com raça em sociologia” precisaria hoje ser reescrito para que a categoria cor fosse melhor compreendida

Revista Plural *Vamos voltar ao Thales de Azevedo e a forma como ele usa a categoria “status”, para organizar uma teoria para pensar a cor, a estrutura de uma hierarquia racial dos anos 50 na sociedade baiana. Thales, entretanto, não avança de forma a elaborar um pensamento que associe mais fortemente classe, raça e*

4 GUIMARÃES, A. S. A. Raça, cor, cor da pele e etnia. *Cadernos de Campo* (USP, 1991), v. 20, p. 265-272, 2011.

status. Em meados da década de 1950, as Ciências Sociais pareciam estar dedicadas a refletir o momento de transição da escravidão para uma modernidade brasileira, muitas vezes prevendo que categorias relacionadas a cor se tornariam coisas do passado. Contrariando as previsões, cor se manteve como categoria útil para explicar a sociedade brasileira, já “status” parece ter entrado em desuso...

Antonio Sérgio Guimarães Tem uma coisa que eu não tinha falado antes, mas que me influenciou muito, principalmente nessa época (na década de 1990), foi a leitura de Roberto DaMatta. A leitura de DaMatta foi muito decisiva para mim. Ele tem uma interpretação que eu acho meio ambígua. E de certo modo eu tento deixar menos ambígua. A interpretação do DaMatta é que a sociedade brasileira não é uma sociedade plenamente de indivíduos, mas uma sociedade hierárquica onde o status é muito importante, a posição social das pessoas é muito importante. Essa era uma ideia que já aparecia em Thales, num texto pequenininho, mas seminal... Aproveito muito as ideias deles quando analiso as queixas de preconceito e de discriminação em 1997. Por exemplo, em “Preconceito e Discriminação” eu digo que não se pode pensar classe como simplesmente uma associação de indivíduos, é mais que uma associação de indivíduos, está ligado a uma certa hierarquia de status, e ser negro é ter um certo status. E esse status de certo modo modifica a classe social. Por exemplo, imagine que você desça de uma Ferrari na porta do Jockey Clube de São Paulo, as pessoas vão olhar para você e começar a se indagar sobre qual é a sua posição social, de onde você vem. Elas podem começar a imaginar “esse cara vem da África, de um potentado africano, cheio de grana”, “esse cara é um americano cheio de grana”, mas se configurar que você é um brasileiro, você pode ser um jogador de futebol, ou seja, um status social vai sempre modificar a sua posição de classe. Quer dizer, então a cor (a nossa velha categoria de cor), funciona como se fosse um grupo de status mesmo, modificando a classe. Essas ideias já aparecem em Thales, apenas de uma outra maneira.

Revista Plural *O pensamento de Roberto DaMatta foi muito influente no campo das relações raciais no Brasil, especialmente na década de 1990. Assim como você, outros autores utilizam as ideias de que o Brasil não é uma sociedade de indivíduos, do personalismo como um traço distintivo da cultura nacional. Como você difere a sua reflexão a partir da leitura de DaMatta da de outros pesquisadores naquele período?*

Antonio Sérgio Guimarães Pra mim, valores universais como igualdade são fundamentais pra eu pensar qualquer coisa, não faço sociologia sem pensar isso, não tenho nenhuma vergonha de dizer que a sociologia que a gente faz tem valores úl-

timos e meus valores últimos estão claros – uma sociedade de iguais, defesa da liberdade individual, etc. Então o Roberto DaMatta eu li como alguém que enxerga algo que só se pode enxergar quando está acabando, porque se fosse algo que ainda estruturasse de uma maneira tão forte a nossa sociedade não seria enxergada. Então, para mim, eu li DaMatta como um crítico, como alguém que mostrava que nosso ideal de igualdade, o nosso ideal de liberdade individual, de individualismo estavam misturados com outros valores. E eu sempre achei que esse era um lado politicamente forte de denúncia da hierarquia que sobrevive nas relações sociais no Brasil. Inclusive do ponto de vista das classes, apliquei muito para as raças, mas sempre, decisivamente, com um tom crítico.

Revista Plural *Thales de Azevedo usa a categoria cor para não dar uma natureza específica ao racismo, para mostrar uma natureza específica brasileira, evitando assim a ideia de raça. Já em sua interpretação, cor e raça não são mutuamente excludentes.*

Antonio Sérgio Guimarães Isso que você aponta é verdade, mas eu sempre li assim. Se você tira o contexto da época, essa ideologia em que as pessoas estão imersas, na verdade essa descoberta, que pode nem ter sido uma descoberta, pode ter sido uma imitação de Lloyd Warner simplesmente dizendo “ao invés da gente ter aqui realmente uma casta, a gente não tem exatamente uma casta”. Pode ser uma coisa tão boba, pode ter sido uma imitação em Thales, mas a verdade é que toca em algo profundo. Ele está na verdade provavelmente muito impressionado com a leitura de Weber. Mas para mim, essa observação do Thales foi uma revelação. Para ele pode até ser uma coisa menor, sem grande importância. Para mim foi uma revelação, porque eu começo a ler como status modificando a posição de classe... E mais, são grupos de cor que não fazem nenhum sentido para a ação social se não levarmos em conta a categoria *raça* que os estrutura.

Revista Plural *No pensamento de Thales, cor estaria desassociada do sistema racial?*

Antonio Sérgio Guimarães Eu não sei se ele pensava exatamente assim, sabe por quê? Porque um contemporâneo dele como o Oracy Nogueira era muito claro ao falar de raça, de preconceito racial, afirmando o preconceito racial em diferentes formas, fazendo a diferença entre o que seria uma marca de origem e o que seria uma marca de pertencimento. Naquele contexto em que Oracy e Thales escreviam, o embate era o seguinte: Donald Pierson afirmava, por um lado: “Não, não existe raça aqui”. Essa era uma tendência dos alunos de Robert Park, inclusi-

ve Franklin Frazier: “Cor é algo diferente de raça”. O Frazier chega mesmo a afirmar que não há problema racial no Brasil, a gente encontraria na nossa sociedade apenas o colorismo que existia na comunidade negra americana. Então para eles, o conceito que definia raça era o conceito de casta. Era o grupo ser fechado ou aberto. Os brasileiros, por outro lado, oscilam: por exemplo, Roger Bastide e Florestan Fernandes simplesmente diziam “essa discussão não tem conteúdo, isso é buscar o sexo dos anjos”. O modo popular como se refere o preconceito racial no Brasil é preconceito de cor. Bastide e Florestan, no projeto que escreveram para a Unesco, tratam simplesmente como verbalização nativa o preconceito de cor. Pierson continuava insistindo: não haveria no Brasil nem preconceito de cor, nem de raça, o que existiria seria preconceito de classe mesmo e só. Daí a saída de Thales eu acho muito engenhosa, porque ele diz: não é casta nem é classe, é status. É um sistema de prestígio social que está informando a cor. Então, nesse sentido, ele dá um novo substrato sociológico conceitual para uma distinção. E é isso que me encanta nessa história.

Revista Plural *A forma como você articula a relação entre raça e cor, pensando cor como algo que mascara uma realidade mais profunda das relações raciais brasileiras, já recebeu algumas críticas, a exemplo do antropólogo Andreas Hoffbauer, que afirmou se tratar de uma proposição de certa forma funcionalista. Como você reagiu a essas críticas?*

Antonio Sérgio Guimarães Eu penso assim mesmo e não acho que isso seja funcionalismo. Eu acho que existe uma estrutura profunda, informada por uma classificação racial mesmo, por uma série de preconceitos que são raciais, uma tradição histórica que é racial. E é ela, essa estrutura, que dá sentido às cores. Porque, se não, as cores seriam.... simplesmente cores. Seriam categorias estéticas realmente.

Revista Plural *Nesse caso, meio que paira o Carl Degler com essa saída do mulato. A saída do mulato é uma espécie de metáfora para falar de uma sociedade que possibilita a válvula de escape, negociação. Quando você trabalha com a teoria de racialização você deixa de lado essas entradas que possibilitam a ascensão do mulato. Esse mito do mulato deixa de existir. O Brasil não é o lugar de ascensão do mulato. O mulato também, de certa forma, encontra barreiras dessa perspectiva de análise da sociedade brasileira.*

Antonio Sérgio Guimarães Em nossa cultura, criamos muitos antídotos para esse processo de racialização, de certo modo. Desde a colônia vê-se isso. No Brasil colônia surgem as primeiras reivindicações pra que se empregasse pardos no ser-

viço público, no oficialato, capitão do mato... Nas guerras de independência, depois na literatura... A gente criou essa cultura antirracista. O problema é quando surgem os movimentos de formação racial, ou seja, quando a raça é reivindicada positivamente por grupos negros. Porque eu acho que isso embaralha totalmente as cartas sociais dos descendentes de africanos, dos afrodescendentes. Imagine pessoas “morenas claras” terem que agora enfrentar o desafio de dizerem que são pardas. Pardo é uma das coisas mais pejorativas da nossa cultura. E aí as pessoas vão ser pardas... Então existiu, e ainda existe eu acho, uma reação muito grande. Agora menos, mas nesse período em que eu escrevo, havia uma reação muito grande. E muita gente se incomodava com isso. Agora o funcionalismo de que me acusam, eu não vejo. Sou um pouco estruturalista, afirmo a ideia de que existe uma estrutura profunda que está realmente organizando o sistema de classificação racial. Mas o pensamento é processual, histórico, não funcionalista.

Revista Plural *Por que não houve outra saída para os movimentos negros se não tornar a racialização de alguma coisa positiva em determinado momento?*

Antonio Sérgio Guimarães Eu chego perto de onde Walter Silvério está hoje em dia. Acho que a colonização de outros povos pela Europa se faz realmente com uma justificativa racial forte e profunda. E mesmo quando ela é criticada, ela persiste. Aí eu acho que o Franz Fanon tinha razão: o racismo e o colonialismo estão imbricados de uma maneira tal que você não foge, não consegue fugir. Isso é tanto verdade que o antissemitismo na Europa é extremamente forte até hoje. Quer dizer, todo o passado judaico de subordinação, de humilhação etc., é algo presente na mente dos europeus. Eles não são franceses, não são alemães, eles não são ingleses, eles não são espanhóis, eles são judeus. Eles são diferentes. Agora aí você pode fazer o argumento: “Ah mas eles podem mudar o nome, negar qualquer relação com o judaísmo e passar inteiramente”. Esse argumento... Primeiro que seriam casos individuais porque dificilmente um grupo esqueceria todo seu passado, sua tradição. Segundo, porque a mesma coisa pode acontecer com pessoas de origem africana, as pessoas também podem a partir de casamento, etc., deixar... É lógico que a pessoa mesmo, se é negra, é mais visível. E talvez Weber tenha razão em dizer que marcadores raciais, enquanto marcadores físicos, são marcadores muitos mais difíceis de serem contornados. Se você marca um grupo pelo peso ou pelo tamanho da circunferência abdominal, para deixar de ser gordo você tem que deixar de ser gordo mesmo, porque você é gordo e acabou, tem uma marcação física. E nisso ele tem razão. Quer dizer, quando você tem um sistema de marcas que se encrua no físico. A mesma coisa com as mulheres, se você

faz um discurso como a gente tem, de diferença de sexo, de inferiorização, não tem como contornar. Então, nesse sentido Weber tinha razão. Mas não porque ele achasse que fosse biológico, mas pelo fato de que certos marcadores são mais difíceis de serem contornados do que outros.

Revista Plural *Em “Racismo e Anti-Racismo no Brasil”, quando você faz a crítica ao conceito de racismo tal como ele era e ainda é utilizado no Brasil, e também por outros autores, você chama atenção para o fato de que trabalhar a natureza como biologia não seria suficiente para pensar o racismo. Talvez fosse suficiente, mesmo não sendo, para pensar o caso norte-americano. Mas no caso brasileiro, é interessante essa mudança, essa ampliação do conceito de natureza para além da biologia, para dar conta dos sistemas classificatórios e dos marcadores raciais. E você encontra a âncora intelectual para pensar isso não nos Estados Unidos, mas na França, né?*

Antonio Sérgio Guimarães Com Colette Guillaumin, uma feminista... Porque esse é outro pilar de tudo isso que estou escrevendo. O conceito de naturalização como desenvolvido por Collette Guillaumin, trabalha com sexo e trabalha com a raça como processos completamente bem sucedidos de naturalização. Ou seja, o argumento que ela faz, que é muito convincente, que eu incorporo completamente, é que as diferenças sociais e as relações sociais são muito mais efetivas e eficazes – seja de exploração, seja de dominação – se elas são apresentadas como relações da natureza. Relações naturais. Por mais aberto que você seja, você reduz a relação homem-mulher ao limite da natureza quando diz: “Mas o homem pode estar todos os 365 dias do ano capaz para o trabalho e ele é o provedor por excelência da família e seu chefe, porque ele tem constituição física de força, tem uma constituição física de disponibilidade pro trabalho e pra guerra durante 365 dias por ano. Uma sociedade que fosse liderada por mulheres sofreria porque as mulheres têm que parir, tem que cuidar dos filhos”. Quer dizer, se você apresenta as relações de gênero como relações naturais, a eficácia dessa dominação é completa e a tendência pra que os próprios dominados considerem isso algo natural é muito maior, aceitando isso como natural. A mesma coisa com as relações raciais. O argumento da Collette Guillaumin é de que essa argumentação surge com a ciência moderna porque antes a força dessa argumentação era teológica, ela se sustentava na vontade divina, no modo como Deus organizou o mundo. Mas ela diz algo assim: “Nada foi tão forte quanto a ciência moderna”. Por que a ciência moderna trabalha com a ideia de natureza. Collette Guillaumin é fantástica.

Revista Plural *A partir da crítica de Collette Guillaumin, cor, raça e outros conceitos centrais em seu pensamento assumem uma forte perspectiva histórica.*

Antonio Sérgio Guimarães É. Na verdade esse é o primeiro passo. Quer dizer, você só consegue enfrentar esse sistema de racialização, de patriarcalismo, de naturalização da exploração e da dominação, se você demonstra que ele começou em algum momento da história, porque se ele começou em algum momento da história, ele pode acabar em outro momento da história.

Revista Plural *Tem um momento em sua produção que você define racialização de uma maneira bem diferente do que pensa hoje. Em “Raça, racismo e grupos de cor”, você usa o exemplo da racialização para se referir ao modo como europeus constroem uma barreira, um diferencialismo cultural, que age na naturalização da cultura dos grupos subalternos. Pensando que estamos em um contexto diferente, você poderia dar um exemplo sobre o processo de racialização hoje?*

Antonio Sérgio Guimarães Na Inglaterra eles são muito bem sucedidos em racializar os *West Indians*. São muito eficientes em racializar os indianos, os paquistaneses, os “browns”, como se diz na Inglaterra. No sentido que são grupos sociais óbvios. O fenômeno novo é a islamofobia. Isso não existia na minha reflexão. Embora eu tivesse a experiência da França, onde realmente o preconceito contra os árabes (naquele tempo não se falava em muçulmano) era forte. Mas não se percebia intolerância religiosa. Essa marcação religiosa não era tão forte como é hoje. E hoje, eu acho que prescinde de racialização no caso do Islã. Para organizar todo o ódio que você tem deles, você prescinde da ideia de raça.

Revista Plural *E é uma ideia de natureza?*

Antonio Sérgio Guimarães Nem de natureza, é a ideia de que a religião deles é perversa. Isso é a coisa mais impressionante. É um discurso do politicamente correto. Acreditam que o Islã é um sistema de crença que avilta as mulheres, as liberdades humanas, é um sistema que ameaça a sobrevivência da Liberdade. É guerra santa mesmo. Não precisa de marcador racial nenhum, nenhum discurso racial. É um discurso realmente sobre a impropriedade e o mal absoluto contido nessa religião.

Revista Plural *Isso é semelhante, de certa maneira, à forma como o Michel Wieviorka organiza sua teoria, quando afirma que o racismo tem duas lógicas: uma é você biologizar a cultura, e a outra lógica é você culturalizar a biologia. E*

ele diz: isso é racismo. Para Wieviorka existe, então, um diferencialismo cultural absoluto que é um componente do conceito de racismo.

Antonio Sérgio Guimarães Com uma ressalva importante: é preciso partir de analogias, mas superá-las. É preciso aceitar o desafio de enunciar algo totalmente novo. A intolerância com o Islã não pode ser reduzida a racismo. Você vê que desde o início eu tenho muito cuidado em dizer “uma coisa é sexo, outra coisa é raça”. Então, não existe racismo contra as mulheres, o que existe é sexismo, não é racismo. A discriminação por sexo tem sua especificidade, como é singular a discriminação racial. Não existe racismo intelectual, isso é apenas uma metáfora. Esse emprego conceitual retira realmente o caráter histórico específico da raça e do racismo. Tem uma ideia que eu aprendi, não sei com quem, que é uma coisa muito simples: todo racismo tem uma história. Então não existe racismo sem uma história, não é um conceito que você possa falar independente da história, entendeu? O que se passa na Europa hoje tem uma história que começa com a imigração dos ex-colonizados.

Revista Plural *E também que a ação social, ou seja, o sentimento – e isso é um argumento forte seu – que você emprega ao discriminar um negro é muito diferente do sentimento que você emprega ao discriminar uma mulher...*

Antonio Sérgio Guimarães É ... é outra história, realmente tem outra história. É como no Brasil e nos EUA, são histórias diferentes. Relações de poder diferentes. O conceito de raça, certo, tudo bem, você dizer assim: “É racismo, porque é o conceito de raça que é mobilizado nos dois casos”. No caso das mulheres, não é o conceito de raça que é mobilizado, é o conceito de sexo. Sexo biológico, é esse que é mobilizado, o qual afirma que existe uma hierarquia que precisa ser preservada, do contrário, a humanidade perece.

Revista Plural *Pensando as especificidades históricas, como você alocaria o conceito de cor no caso americano e no caso brasileiro? Quais seriam as diferenças para tentar resolver o problema do Franklin Frazier, atualmente?*

Antonio Sérgio Guimarães Vamos dizer o seguinte... Vamos dizer que o sistema que organiza essa subordinação do negro nos EUA é a raça, e a raça muito bem definida, muito bem elaborada como um grupo de descendência? Bom, dito isso, as diferenças sociais e as hierarquias não se esgotam em preto e branco. E aí entra componentes de status que são importantes. Tanto status adquiridos, como por exemplo a educação, a escola que você fez, se você fez Princeton, se você fez Harvard, como Obama fez. Ou você se formou no Novo México ou você nem se

formou. Tem todos os sistemas, os marcadores, e tem um sistema de marcação de cor também. O que é um sistema de marcação de cor? O sistema de marcação de cor, na verdade, induz você a pensar uma distância maior ou menor do grupo dominante. Então, se você vê um mulato claro nos EUA, ele pode lhe dar a impressão de que ele está no alto mundo da burguesia há muitos e muitos anos, há muitas e muitas gerações, está certo? E, além disso, seu antepassado teria sido um feitor, uma pessoa que, mesmo no sul, não pertencia aos estratos baixos da escravidão, mas era uma pessoa que inclusive dominava uma certa cultura, quer dizer, era um ladino. E depois, estaria estabelecido no Norte há muitos e muitos anos, e faz questão de se casar com pessoas claras também, para manter justamente essa clareza, porque a clareza é uma distinção muito grande tanto no trato com os brancos quanto com outros negros. Há uma valorização grande das mulheres a partir disso tudo. Ou seja, a cor tem um enorme papel nisso, sonegado pela política. Sonegado pela política porque para a política isso esculhamba qualquer formação racial. Mas, no limite, você sabe que você é negra independente da sua cor. E todo negro é tratado como negro e pronto. A diferença no Brasil é que a primeira assertiva não é verdadeira, funciona só a segunda. Quer dizer, o sistema racial funciona só na segunda, não na primeira assertiva. Eu sei que se eu disser que tenho avós e bisavós mulatos, isso será uma piada de salão, ninguém vai levar a sério, vão achar que eu estou procurando me aproveitar da situação para fazer isso ou aquilo. É uma carta que eu estou jogando oportunisticamente, tirando da manga. Tão grande quanto a que Fernando Henrique lançou quando disse que tinha um pé na cozinha. As pessoas olharam e deram risada, “agora que você vem dizer isso? Na hora da eleição é que você vai falar isso, que você tem o pé na cozinha? É brincadeira, né?” Por quê? Porque isso significa que esse marcador racial realmente não fez diferença nem na minha vida nem na dele.

Revista Plural *Seria correta a afirmação que nos Estados Unidos a cor é mais relevante no grupo, na comunidade, e menos relevante na sociedade? Ou seja, é importante no intragrupo, e não tão relevante no intergrupo. Ao contrário do Brasil, onde as duas dinâmicas seriam igualmente relevantes?*

Antonio Sérgio Guimarães Para a gente trabalhar com cor, tem que levar em consideração não apenas o simbolismo da cor, judaico-cristã, do Mário de Andrade ou do Bastide. Há algo presente em todas as culturas, que é o significado da cor escura, da cor queimada pelo sol. E tem tudo a ver com classe. Por exemplo, as mulheres japonesas não querem tomar sol, como as mulheres europeias também não queriam tomar sol, porque ser claro, branco, significa que você não precisa

trabalhar para sobreviver, que você paga pessoas que trabalham pra você. Então, ter traços muito finos, mãos muito finas e claras são sinais físicos de uma classe superior. As pessoas que precisam trabalhar para viver, elas se expõem ao sol, elas criam rugas, marcas no rosto...

Revista Plural *Entre os japoneses no Brasil, existia um ditado quando eles chegaram que dizia “o primeiro irmão é preto”, porque é o que tem que trabalhar, justamente. E o segundo vai ser doutor e o último vai ser claro, porque vai ter a ascensão social.*

Antonio Sérgio Guimarães Então, nesse sistema de marcação de cor, além do sistema religioso cristão, tem esse sistema totalmente ligado à classe e ao trabalho. Na verdade, é um valor aristocrático. E junto com ele vem a sexualidade. Porque, a diferença entre homem e mulher está ligada também a quem protege e quem é protegido. Então o homem que protege é viril, esse está exposto ao sol. Esse trabalha com armas, é um guerreiro. Esse tem que mandar, tem que dar ordens, certo? É um engenheiro em obras, ele tem que saber tratar com peão. É diferente do artista, do homem de salão, afeminado. A mesma simbologia, eu trabalho no preconceito contra os baianos na Colônia, quando Gilberto Freyre fala que os baianos eram afeminados para os gaúchos, por quê? Porque os gaúchos montavam a cavalo, brigavam, defendiam a fronteira. E os baianos eram vistos como aqueles caras que andavam em rede. Eles eram carregados por escravos, ou seja, não eram exatamente homens, eram homens afeminados que cultivavam as artes, que sabiam falar, mas não sabiam lutar. A cor tem muito essa conotação também.

Revista Plural *Em relação à definição de raça em seus textos, você afirma que o princípio para compreender raça (enquanto categoria) é definir a ideologia que a fundamenta. Dessa forma, é central em seu pensamento refletir sobre a ideologia racial brasileira. Você acha que existe uma única ideologia racial brasileira ou é possível pensar que o Brasil tem mais de uma ideologia racial? Melhor dizendo, você acha que a ideologia racial tem que ser definida em termos nacionais ou há a possibilidade de coexistir uma multiplicidade de ideologias raciais?*

Antonio Sérgio Guimarães Vou tomar de novo como exemplo os Estados Unidos. Ainda que não seja totalmente verdadeiro o que eu vou dizer, ainda é muito importante, que é o seguinte: o sistema de escravidão nos Estados Unidos se concentrou no Sul, nas zonas de algodão, nas zonas de fumo, da Virgínia, mais ou menos, para baixo. Todo o Sul. Ainda que o Texas tenha um sistema diferente, porque foi colonização espanhola, ainda assim é diferente do Norte ou do Nor-

deste dos Estados Unidos, sempre muito contaminado, mas que conheceu diferentemente a escravidão, que aliás foi abolida muito cedo. Ao contrário disso, o Brasil foi um país escravocrata do norte ao sul. Então é muito mais fácil que certos traços gerais sejam generalizados, e todos tivemos a mesma colonização. Por exemplo, você não encontra aqui uma diferença tão grande como você encontra entre a Louisiana e a Virgínia nos EUA. A Louisiana teve colonização espanhola, francesa e depois americana, a Virgínia foi sempre de colonização inglesa. Então, nós temos uma história muito comum em termos de escravidão. Isso tem que ser levado em conta. Muitas das coisas que você acha pra São Luís são imediatamente aplicáveis para Bahia, para Pernambuco etc. Muitas outras não. Há diferenças regionais, claro. Mas as semelhanças são acachapantes.

Revista Plural *Em “Racismo e Anti-Racismo”, a primeira frase do livro parece uma provocação: “Qualquer estudo sobre racismo no Brasil deve começar por notar que o racismo no Brasil é um tabu”. Você acha que essa assertiva continua verdadeira?*

Antonio Sérgio Guimarães Não mais. Como envelhece, né?

Revista Plural *É... Mas assim, essa frase envelhece, porque o resto não envelhece; você está fazendo uma análise, tem um debate intelectual, tem uma definição de racismo...*

Antonio Sérgio Guimarães É quase um pedido de desculpas. “Olha, eu sei que os doutos, senhores...” (risos).

Revista Plural *Ainda em “Racismo e Anti-Racismo” você fala em “antirracismo institucional”. Explique um pouco melhor esse conceito.*

Antonio Sérgio Guimarães Essa ideia de que nós temos um sistemas de cores, mas esse sistema de cores são só cores... Podem ser embaralhadas, esses grupos podem ser transpostos. As oportunidades estão abertas, e mesmo que elas sejam menores por conta da cor, elas não são inteiramente fechadas, e há sempre sistemas de compensação que devem atuar. Eu hoje creio que isso tudo é verdade, inclusive acho que não existiriam cotas no Brasil se os defensores da nossa cultura, se a unanimidade dos juízes do Superior Tribunal Federal não estivesse imbuída dessa missão de abrir espaços de ascensão social para todos no Brasil, independente da cor. Esse foi um meio que eles acharam, um modo de transformar a Constituição de 1988 em uma constituição eficaz, pois ela tem esse sentido integrador. O que mudou é que hoje as pessoas fazem a crítica desse sistema criado em 1988 como sendo racista, quer dizer, querem mais, né? E em 1988 achavam que isso era o antirracismo.

Revista Plural *Uma questão que parece carecer de uma abordagem sociológica, especialmente na Sociologia das Relações Raciais no Brasil, é o da população indígena. E é como se a sociologia tivesse ficado sem arcabouço para poder lidar com essa problemática...*

Antonio Sérgio Guimarães Desde sempre, desde meu primeiro texto sobre relações raciais, eu sempre encontrei alguém que tenha me feito essa pergunta e essa observação. Da sala de aula aqui na USP até conferência no exterior, eu nunca passei sem enfrentar essa pergunta. E nunca consegui respondê-la convincentemente. E eu me formei em antropologia, estudando um grupo indígena... Vocês não sabem disso? Eu fiz Ciências Sociais na UFBA, e quando fiz tínhamos de escolher uma área de concentração. Desde os primeiros anos de graduação do curso de Ciências Sociais eu fui muito influenciado, encantado mesmo, pelo pensamento da antropologia, que era o que realmente me ligava ao curso. E era a antropologia mais próxima das relações raciais nesse sentido, do negro. Fui aluno de Vivaldo da Costa Lima, grande professor de antropologia. Vivaldo me emprestava livros, porque eu já lia em francês, lia em inglês, ele chegava na sala de aula com uma mala preta cheia de livros, abria e mostrava: “Isso aqui acabou de sair na Inglaterra, na França”... E a antropologia me encantou. Depois, para ganhar a vida, fui fazer outras coisas. Mas antes disso apareceu na Bahia o Pedro Agostinho, que tinha escrito uma dissertação de mestrado sobre o Alto Xingu. Ele estudou o Kuarp, e tinha um programa de pesquisa de grupos indígenas na Bahia. Naquele tempo eu achava que não existiam índios na Bahia, então eu aprendi com ele que existiam muitos grupos remanescentes e todo esse processo de etnogênese, de recriação de grupos indígenas na Bahia. Eu vivi nesse período, e eu fui um dos alunos, digamos assim, mais próximos dele, aquele cara em quem ele apostava como sucessor, e só me afastei mesmo para ganhar a vida. E eu fui um dos alunos, digamos assim, mais próximos dele, aquele cara em quem ele apostava como sucessor, e só me afastei mesmo para ganhar a vida. Então eu fiz o trabalho de campo entre os Pataxó Hãhãhãe, em Caraíva, numa expedição para recolher dados, todos os tipos de dados – habitação, demografia, língua, todos os aspectos. Então para mim essa pergunta sempre foi um pouco embaraçosa... Por conta disso, né? Por que esse desinteresse tão grande com os indígenas da parte de alguém formado por Pedro Agostinho? E do grupo indigenista lá da Bahia... É difícil, eu não sei não, eu acho que na verdade a gente tem uma tradição intelectual na Bahia – mas no Rio principalmente, mas também em Pernambuco, no Maranhão, aqui em São Paulo de certo modo – que é uma coisa assim, muito de engenho de açúcar, de fazenda de café, de fazenda de algodão. Que são

famílias e um entorno social em torno dessas famílias... E o mundo é esse para a gente, engraçado, o mundo do recôncavo, o mundo é esse, entendeu? É como se os índios não fossem alguma coisa tão importante para a gente, né? Eu só posso explicar assim.

Revista Plural *E também porque determinados locais no Brasil não foram locais sistemáticos de pesquisa...*

Antonio Sérgio Guimarães Você sabe o que eu vejo com o passar do tempo? A Bahia é um dos poucos lugares onde você tem um culto ao caboclo, que faz parte dessa identidade regional. A gente tem um 2 de julho, dia da nossa independência, quer dizer, o dia em que as tropas portuguesas foram expulsas da Bahia definitivamente e a independência foi proclamada, a corte do Rio realmente assumiu o controle, que se cultua o caboclo. No nosso candomblé tem toda uma parte de casas que se chamam, inclusive, candomblé de caboclo, de tão forte que é a presença dos caboclos. Se você sai olhando pela rua... E eu já saí, já fui tão louco assim de ficar realmente olhando a cor das pessoas, você não acredita, mas eu já fui. Já tive épocas em que a minha observação participante era ficar olhando para a cara das pessoas, não sei como é que o pessoal não grilava, mas ficava olhando, olhando... Toda vez que eu podia eu olhava para descobrir os traços, as coisas... E aí, a quantidade de caboclos que tem na Bahia é impressionante. Teve um tempo que eu fiquei na França que eu ficava olhando as pessoas porque eu queria ver as cores, quem é o branco aqui? Quem é o leite, o amarelo, o branco? Mas depois eu disse: “Bicho, você vai ficar maluco, para com isso, você não tem controle sobre essa observação”. Então, eu não creio que seja inexistência do tipo físico, que o tipo físico não exista. No fundo o que eu estou querendo dizer, quando eu falo as coisas... Eu acho que é mais uma formação cultural, literária, uma tradição intelectual, e que eu diria que vem lá de Gilberto Freyre, é uma coisa de casa grande e senzala. É um grupo de pessoas que viveu numa cidade uma experiência comum de escravidão e seus desdobramentos, certo? E que, de certo modo, foram totalmente encapsulados por isso.

Revista Plural *A fixação com a cor da pele é central para o discurso de que é impossível pensar em classificação racial no Brasil, baseado na ideia de que as pessoas estão sempre passando, estão sempre se aproveitando de algo, que nada está definido. Apesar de refletir bastante sobre cor, você caminha para outro lugar...*

Antonio Sérgio Guimarães Olhe só, se eu uso raça e digo que quando você usa cor você está utilizando sub-repticiamente a noção de raça, isso é uma denúncia. Eu

não estou querendo que raça exista, eu não estou acreditando em raça. Primeira coisa. Segunda coisa é a seguinte, na hora em que você assume um discurso racial para se identificar, você não está fazendo isso pra contrariar os seus interesses, você não é nenhum idiota. Você está fazendo isso para afirmar toda uma agenda de luta contra o racismo, entendeu? Então eu tenho que estar do seu lado na hora que você afirma a raça e meu discurso de raça tem que ser um discurso de denúncia. Eu nunca entendi por que alguns amigos meus achavam que, ao usar a ideia de raça, eu estava reificando uma relação social e impedindo que se modificasse isso no futuro. Isso para mim não faz o menor sentido, você está metido em uma luta política hoje... Será que as pessoas estão se definindo racialmente pra ir pro campo de concentração, ué? É isso? Não tem sentido, entendeu? Quer dizer, essa dialética entre racialização e formação racial é que eu acho que não se enxergava. E é isso que eu estou querendo explorar agora... Em termos mais conceituais.